

EDITORIAL

Estamos lançando mais um número da nossa *Revista Econômica*, com artigos no tema “Economia e Instituições”. Nossa chamada de artigos foi um sucesso e optamos por trazer um número completo com este conteúdo. Ao longo deste editorial, contamos um pouco como surgiu esta ideia, que foi gestada pelos pesquisadores Emmanoel de Oliveira Boff (PPGE-UFF), Felipe Almeida (UFPR) e Carolina Cavalcante (FND UFRJ).

Desde o início dos anos 1990, as instituições se fazem presentes no discurso econômico, seja ele mais próximo à ortodoxia ou mais próximo à heterodoxia. O Brasil acompanhou a tendência mundial, mas com uma abordagem especificamente nacional. A realização do congresso da *Association for Evolutionary Economics* em Curitiba, no ano de 2024, marcou a importância e a originalidade da economia institucional produzida no país. A presença constante de *papers* associados à economia institucional em grandes congressos do Brasil (como os da Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia - ANPEC, Sociedade de Economia Política - SEP e Associação Keynesiana Brasileira - AKB) igualmente comprovam a vitalidade da produção em economia institucional entre nós.

Foi com base nessa constatação que decidimos, em fins de 2024, fazer uma Chamada de Artigos para o dossiê “Economia e Instituições” que pudesse incorporar trabalhos interdisciplinares de pesquisadores que explorem a centralidade das instituições nos processos econômicos hodiernos. Mantendo-se principalmente fiéis à tradição de pensamento institucional de autores como Thorstein Veblen, John R. Commons e Wesley Mitchell, os participantes deste dossiê mostram não apenas que a economia institucional diversificou seus temas e abordagens, mas que é capaz de dialogar com a sociologia, a história, a filosofia, a ciência política e áreas afins.

Como colocado em nossa Chamada de Artigos, novos temas e questões passaram a ocupar o debate institucionalista recente, principalmente em sua vertente originária. Podemos apontar, por exemplo, o papel das instituições na reprodução das desigualdades sociais, na regulação de práticas culturais e de consumo, na promoção e articulação de discursos de exclusão e nas grandes transformações socioeconômicas contemporâneas geradas pelas redes sociais.

Ao buscar artigos entre os diferentes institucionalismos — do institucionalismo original até a Nova Economia Institucional, passando por contribuições feministas, pós-coloniais e latino-americanas —, tivemos o objetivo de apresentar ao público brasileiro algumas contribuições atuais deste campo de pesquisa sempre dinâmico. Foi o que encontramos nos sete artigos que compõem o dossiê desta edição: eles tanto refletem de forma plural os eixos propostos na Chamada, como demonstram que o conceito de “instituições” é frutífero, tanto para a revisita a autores clássicos quanto para esclarecer fenômenos emergentes.

Três artigos tratam da questão feminina na economia: “Charlotte Perkins Gilman and Hazel Kyrk: Institutionalists and Feminists?”, escrito por Eduarda Magrinelli Susin, Liana Bohn e Solange Regina Marin, nos apresentam duas figuras pouco reconhecidas, enfatizando a contribuição de mulheres que enriqueceram o institucionalismo. Esse enriquecimento se dá com base em perspectivas feministas e críticas ao patriarcado — algo central para o entendimento das instituições como forças que podem gerar opressões, mas também transformação social. Também relacionado à perspectiva feminista, os artigos “Social Media and Aesthetic Procedures in Brazil: women and institutionalism”, de Isadora Maia di Santis, Grazielly Vilmes, Liana Bohn e Solange Regina Marin, e “From conspicuous consumption to ostentation: the impact of social networks on Young people's income”, de Fátima A. K. Abdouni e Ramón García Fernández. O primeiro mostra que as redes sociais reforçam desigualdades e hierarquias de consumo, transformando o corpo feminino em um meio de busca por status e reconhecimento social. Já o segundo moderniza categorias tradicionais da análise institucionalista do consumo. O conceito de *consumo conspícuo* é usado para interpretar como a dinâmica das redes sociais influi em padrões estéticos pela via da ostentação. Essa influência

se exerce principalmente sobre a busca de procedimentos estéticos entre jovens e mulheres.

Há artigos que dialogam com a história do pensamento econômico. O primeiro deles trata de “O desenvolvimento da economia política de Douglass North”, de Rafael Galvão de Almeida, que propõe uma nova abordagem sobre Douglass North como economista político e como pensador interdisciplinar, destacando a importância de seu diálogo com o marxismo e a teoria da escolha pública. Desse modo, atesta-se a capacidade de articulação e hibridação do institucionalismo de North com tradições de pensamento econômico tão díspares como aquelas derivadas de Marx e de Buchanan.

Questões contemporâneas de economia política foram abordadas por dois artigos do dossiê: “Consumo conspícuo e máscaras brancas: racismo como instituição estrutural do desenvolvimento periférico”, de Andre Torres, analisa criticamente a dimensão racial das instituições presente nas economias periféricas, articulando de modo criativo o pensamento de Veblen, Furtado e Fanon. O argumento do trabalho é que o racismo se configura como uma instituição que cristaliza desigualdades globais e produz certos imaginários sobre o que significa se modernizar na periferia do capitalismo.

Já o artigo “Instituições e discurso anti-imigratório recente”, de Caroline Todeschini, investiga o *modus operandi* de discursos anti-imigratórios atuais como “mitos institucionais” que reforçam estruturas de classe e o processo de identificação dos indivíduos como cidadãos desde ou daquele país. Vê-se assim que, mais que regras formais e informais de comportamento, instituições conformam estruturas de poder e universos simbólicos em que se desenrolam os processos econômicos.

Finalizando o dossiê, um artigo adota uma discussão metodológica. Em “Correntes institucionais e individualismo metodológico: apontamentos sobre uma ruptura analítica”, de Tatiana Figueiredo Breviglieri, há uma discussão sobre as tensões internas ao institucionalismo, detalhando a incompatibilidade entre o institucionalismo original e a Nova Economia Institucional no plano metodológico. Desse modo, o artigo termina por contribuir também para o debate atual sobre instituições no campo metodológico.

Em resumo: este número da *Revista Econômica* procura mostrar que a análise institucional se apresenta hoje como ferramenta potente para compreender as interrelações entre as múltiplas camadas da economia contemporânea. Essas camadas englobam desde hábitos de consumo até discursos políticos de caráter racista, patriarcal e antiimigratório. Como campo em movimento, o estudo das instituições revela-se uma área rica de diálogos inter e transdisciplinares que envolvem questões relevantes hoje na economia e na sociedade.

Desse modo, resta-nos convidar o leitor a apreciar os artigos reunidos neste número: trata-se de um conjunto de reflexões que investigam as instituições de diversas perspectivas e sobre diversos temas, urgindo-nos a pensar os fundamentos e possibilidades de um pensamento econômico que não teme revisitar autores e teorias clássicas, com vistas a compreender questões relevantes para nós hoje.